



GLOBALIZAÇÃO EM TEMPOS DE REGIONALIZAÇÃO – O CASO DOS ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO VALE DO TAQUARI

Verenice Zanchi
PPGDR – UNISC

Carlise Porto Schneider Rudnicki
PPGCOM – UFRGS

Resumo

Os roteiros de turismo rural existentes na região do Vale do Taquari podem ser considerados um exemplo da mobilização do regional frente às forças globais, tendo em vista possíveis processos de homogeneização dos territórios. Eis que surgem de movimentos endógenos, a partir da união entre moradores, da iniciativa privada e do poder público. Tais iniciativas buscam identificar as particularidades da região e as transformar em potencialidades. Nesse contexto, têm-se o turismo rural como estratégia de desenvolvimento regional atuando/convivendo juntos aos efeitos homogeneizantes da globalização.

Palavras-chave: Globalização, Desenvolvimento regional, Turismo rural

INTRODUÇÃO

A região do Vale do Taquari é formada, principalmente, por pequenas propriedades, as quais foram impactadas pelos avanços e retrocessos ocorridos durante o desenvolvimento das regiões rurais no país, ocorridos nas décadas de 70 e 80. Posteriormente, a globalização trouxe consigo outros efeitos negativos, como: o abandono e a marginalização de uma grande parcela da população, decorrentes da concentração de recursos direcionados, principalmente, aos grandes produtores rurais.

Na região em estudo, o turismo rural tem avançado ao longo das últimas duas décadas, inspirado, sobretudo, nas experiências europeias. Trata-se de uma das modalidades de turismo que tem recebido frequente destaque, tanto por parte das famílias rurais – como complemento de renda – quanto por parte de pessoas que vivem nos centros urbanos, que buscam o contato com a natureza. Outro aspecto que pode surgir a partir da implantação do turismo se refere às mudanças na qualidade de vida dos moradores, como, por exemplo, a reativação do sentimento de pertencimento e a possibilidade da permanência das famílias no campo.

Pode-se dizer que a atividade turística está em expansão, uma vez que pesquisas recentes do Ministério do Turismo revelam que o fluxo de turistas no Rio Grande do Sul cresceu em média 9% entre os anos de 2000 e 2010 (FGV, 2012). Arelada a esse crescimento está a demanda por regiões com forte apelo paisagístico, histórico e cultural, encontradas, principalmente, em áreas rurais, nas quais o visitante busca recompor-se, redescobrir valores, costumes e a interação com os moradores (ALVES, 2002). Este é o caso da região do Vale do Taquari, na qual tem-se colonizações portuguesa, alemã e italiana.

A escolha da região do Vale do Taquari para a realização da pesquisa justifica-se por razões históricas, sociais e culturais, que remontam à época da colonização. Além dos 36 municípios do Vale do Taquari, incluímos o de Itapuca, mesmo não fazendo parte do Conselho Regional de Desenvolvimento¹ (COREDE) Vale do Taquari, por fazer parte da Rota da Erva Mate. Doravante, nosso objeto de estudo abrange 37 municípios, dos quais destacamos 15, que integram os roteiros de turismo rural da região: Anta Gorda, Arvorezinha, Colinas, Coqueiro Baixo, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Ilópolis, Imigrante, Itapuca, Nova Bréscia, Putinga, Relvado, Teutônia, Westfália. Os roteiros de turismo rural, formados pelos municípios destacados são: Roteiro Delícias da Colônia, Rota Germânica de Teutônia e Rota da Erva Mate. Diante disso, verificamos que 41% dos municípios da presente pesquisa estão envolvidos com o turismo da região.

A implementação do turismo rural na região em estudo é relativamente recente, se considerarmos que o roteiro mais antigo – a Rota Germânica de Teutônia e Westfália, inaugurado em 2001 – tem menos de 15 anos. Já o mais novo – a Rota da Erva Mate – têm cinco anos. Cabe pontuar que a atividade turística, inicialmente, não substitui a agrícola, mas surge como alternativa de renda complementar e convive de forma integrada com outra(s) atividade(s).

Buscando compreender os conflitos e contradições que permeiam o campo científico, optou-se por uma pesquisa qualitativa, tendo como técnicas a entrevista semiestruturada, combinando perguntas fechadas e abertas e entrevista em profundidade, na qual o entrevistado foi convidado a falar livremente. Além da busca de dados secundários junto a bancos de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e da Fundação de Economia e Estatística – FEE, também buscamos aprofundar a reflexão sobre o tema a

¹ Referenciamos-nos na divisão dos COREDEs para delimitar os limites regionais da pesquisa.

partir de fontes bibliográficas, especialmente em livros, artigos científicos, teses e dissertações sobre o tema.

O turismo rural como estratégia de desenvolvimento regional e a ideia de globalização

O turismo vem ganhando destaque no cenário do desenvolvimento regional, principalmente como uma alternativa de enfrentamento às adversidades econômicas e perante o cenário cultural que se encontra a cadeia produtiva do tabaco, presente na região. Essas dificuldades também decorrem, ainda, do processo de mecanização da produção, mais precisamente da Política de Crédito Agrícola brasileira das décadas de 1970 e 1980, a qual estava direcionada a atender médios e grandes produtores (SCHNEIDER, 1999) e (SILVA, 1999).

Diante desse cenário, após as décadas de 1970 e 1980, importantes questões vêm sendo pensadas em termos de estratégias, graus de autonomia dos agricultores e relações de poder, as quais, por sua vez, estão imersas nas relações estabelecidas entre cooperativas, empresas, instituições e agricultores (SCHNEIDER, 2011).

Na área do turismo, na década de 1990, foi promovido um debate entre governo, iniciativa privada, academia e sociedade, do qual resultaram profundas mudanças nas políticas públicas do setor. Após esse debate, foi criado o Plano Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT, com o objetivo de melhorar o produto turístico em âmbito municipal (BENI, 2006).

Nesse contexto de mudanças da década de 1990, o turismo foi introduzido na região do Vale do Taquari com o intuito de contribuir com o desenvolvimento da região, ajudando a reduzir o impacto das novas articulações do trabalho, que, por sua vez, criaram desemprego, êxodo e despovoamento das áreas rurais. Assim, o turismo surge para as famílias rurais como mais uma possibilidade de trabalho e renda. Para a área pesquisada como dinamizador do desenvolvimento.

Para Boisier (1996, p. 113), o desenvolvimento regional é um “processo em curso com três cenários independentes e de recente configuração: há um cenário *contextual*, um cenário *estratégico* e um novo cenário *político*”. Estes novos cenários, segundo o autor, são decorrentes, por um lado, do processo de *abertura externa*, que é econômico e impellido pela força da *globalização* e, por outro, do processo de *abertura interna*, que é político e



impulsionado pela força da descentralização. Ainda para o autor, a abertura interna tem como objetivo proporcionar à população condições de “equidade”, distribuindo os lucros da abertura externa e de “participação”, outorgando à população o papel de agente na definição de opções políticas de cada território.

Já Brandão (2004, p. 63) resgata o viés econômico do desenvolvimento. Segundo o autor:

nos anos 50 e 60, o debate sobre o desenvolvimento regional e urbano recebeu influência direta de todas as correntes principais das chamadas teorias do desenvolvimento econômico. Ou seja, ocorre uma transposição, muitas vezes direta, do debate internacional e nacional para a escala regional.

A partir dos anos 1970 o desenvolvimento regional ganhou novo enfoque, passando a ser visto de “dentro para fora”, ou seja, endógeno. Trata-se de “[...] uma estratégia de diversificação e de enriquecimento das atividades sobre um dado território com base na mobilização de seus recursos (naturais, humanos e econômicos) e de suas energias” (BENKO, 1999, p. 288). Haja vista que a promoção do desenvolvimento como restritamente econômico não evitou a miséria, o desemprego e a falta de dignidade (MÜLLER, 2002).

Nos anos 1990 “a globalização reforçou a tendência à ‘especialização’ das regiões” e, na mesma época, “o Estado abandonou sua ação como indutor do desenvolvimento” (ACSELRAD, 2008, p. 33).

Nesse contexto,

[...] no âmbito de uma crescente globalização, marco no qual os Estados nacionais tendem a reconfigurar-se com menos autonomia, os territórios organizados, regiões, estados, municípios e cidades, aparecem como novos atores na disputa pelo capital internacional, por tecnologia e nichos de mercado (BOISIER, 1998, p. 6).

Boisier (1996) acrescenta que a velocidade, a flexibilidade, a maleabilidade, a cultura, a resiliência e a complexidade sistêmica são algumas das características imprescindíveis ao sucesso do desenvolvimento de uma região, e que elas maximizam as possibilidades de ganhar o jogo da competição internacional por capital. Tais características ajudam, respectivamente, a: aproveitar oportunidades; oferecer uma ampla gama de respostas aos requisitos do contexto; moldar a própria estrutura, adequando-a as formas mutantes do meio; facilitar a introdução de aspectos diferenciados nos mercados tendentes à homogeneização; reconstruir a estrutura quando danificada por elementos exógenos e adequar o território ao comércio internacional.



Boisier (1996) defende que o desenvolvimento de um território organizado depende da existência, interação e articulação de seis elementos – atores, instituições, cultura, procedimentos, recursos e entorno, dos quais depende o sucesso ou o fracasso da região.

Para Brandão (2004, p. 70) o desenvolvimento é um processo resultante de variadas e complexas interações sociais, e que:

(...) esse processo deve promover a ativação de recursos materiais e simbólicos e a mobilização de sujeitos sociais e políticos buscando ampliar o campo de ação da coletividade, aumentando a sua autodeterminação e liberdade de decisão. Neste sentido, o verdadeiro desenvolvimento exige envolvimento e legitimação de ações disruptivas e emancipatórias, envolvendo, portanto, tensão, eleição de alternativas e construção de trajetórias históricas, com horizontes temporais de curto, médio e longo prazos.

No contexto do desenvolvimento regional, a relação com o território ocorre na medida em que a sociedade molda esse lugar de acordo com suas necessidades e insere nele suas características, ou ainda, despertando em seus agentes o sentimento de pertencimento. Assim, o território no qual o turismo está inserido pode ser de extrema importância para o desenvolvimento regional, principalmente porque, para alcançar seu objetivo central – atrair o turista –, apropria-se da identidade cultural e dos bens materiais e imateriais dos atores locais.

Santos (2000, p. 104) destaca que o “território usado [...] é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas relações humanas”. O que, por esse ponto de vista, “[...] permite uma consideração abrangente da totalidade das causas e dos efeitos do processo sócio territorial”. Ainda para o autor:

o território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo.

Por assim dizer, de um lado se revela a estrutura global da sociedade e do outro a complexidade do seu uso. Essa perspectiva leva em conta todos os atores e considera que cada um é um agente que se apropria, que usa o território de forma complexa e diferenciada. E é nesse território, envolvido por relações de poder, processos produtivos, evidências culturais, que o desenvolvimento acontece (ETGES, 2005).

O território revela, ainda, a questão da identidade que está sendo construída, refeita e como ela colabora com a promoção do desenvolvimento regional (FELIPPI, 2011). Segundo a autora, a identidade dos territórios é a soma do espaço usado pelos atores regionais mais os processos histórico, cultural, econômico, político e ambiental, ou seja, o capital social. Há



ainda que considerar que estes fatores interligados formam as particularidades existentes em cada região (FELIPPI, 2011). Portanto, seria importante para o território manter sua identidade, sua cultura e sua produção próprias. Isso porque a identidade cultural se revela como uma potencialidade do lugar, a qual paralelamente colabora com o processo de desenvolvimento.

Etges (2001) destaca que o território é a profunda interação entre o que está na base da superfície do planeta e a forma como o homem se coloca ali, se apropria, usa e produz. Essa perspectiva de território gera compromisso com essa superfície. Nesse sentido, o território é um espaço em constante processo de transformação, um campo de forças, de contradição entre o vertical² e o horizontal³, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos (ETGES, 2001).

Por conseguinte:

para promover o desenvolvimento regional no contexto da realidade atual é preciso estar atento à dimensão horizontal do processo, conhecer, em profundidade a região em questão, identificar suas potencialidades e construir instrumentos de coesão social em torno de propósitos comuns à população envolvida. [...] com o olhar voltado para dentro do território, identificando e fomentando as suas reais potencialidades, e a partir daí projetá-lo para fora, para o contexto do mundo globalizado (ETGES, 2001, p. 363).

Santos (1997, p. 196) aponta que “as regiões são o suporte e a condição das relações globais que de outra forma não se realizariam” e que o processo de homogeneização, decorrente da globalização, trouxe à tona as diferenças regionais. Ainda para o autor, criam-se identidades regionais que constroem o sentido de pertencimento, e, com isso, abrem-se múltiplas possibilidades de recortar a superfície terrestre. Dentro dessa concepção, fortalecer as regiões é uma das formas de frear o lado perverso da globalização.

Portanto,

construir socialmente uma região significa potencializar sua capacidade de auto-organização, transformando uma sociedade inanimada, segmentada por interesses setoriais, pouco perceptiva de sua identidade territorial e devidamente passiva, em outra, organizada, coesa, consciente de sua identidade, capaz de mobilizar-se em torno de projetos políticos comuns, ou seja, capaz de transformar-se em sujeito de seu próprio desenvolvimento (ETGES, 2001, p. 362).

Pensando que o desenvolvimento de uma região depende da capacidade do local de trabalhar suas potencialidades de dentro para fora (endógeno), o turismo vem crescendo,

² Para Santos (1997), as verticalidades sugerem que existem pontos no espaço, que separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade.

³ As horizontalidades, por sua vez sugerem que existem segmentos formados a partir de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região (SANTOS, 1997).



trazendo novas possibilidades de geração de emprego, renda e qualidade de vida. E mais, tem recebido destaque nos debates sobre as novas abordagens de desenvolvimento.

Segundo Cooper (2001) surge e cresce a demanda por férias e passeios em regiões com paisagens surpreendentes, e locais que mantêm preservadas a cultura e a história. Ou seja, o turista contemporâneo tem buscado a harmonia e o equilíbrio, que também são encontrados nas atividades do meio rural. Cruz (2003) ressalta que vivemos em um momento histórico que valoriza os recursos naturais e culturais, muito devido à globalização que massifica gostos e tendências. Segundo

Segundo Silva e Campanhola (2000, p. 257):

planejado e organizado, o turismo rural pode converter-se num elemento dinamizador de desenvolvimento local e regional, permitindo a diversificação da economia, a ocupação da mão-de-obra local, o fomento ao espírito empresário e o incentivo ao desenvolvimento comunitário através de ações comunitárias e até atenuar o êxodo rural.

É nesse momento de valorização do meio rural, das potencialidades do lugar a partir do território, que o turismo tem sido considerado pelo agricultor uma atividade econômica complementar. Além do potencial econômico, o turismo caracteriza-se pela facilidade de criar postos de trabalho devido à diversidade de atividades ligadas a ele no meio rural. Dentre elas estão a industrialização de alimentos caseiros (tais como: pães, bolos, cucas, roscas, entre outros), os restaurantes de comidas típicas, o artesanato, os passeios, as trilhas para caminhadas ecológicas (SCHNEIDER e FIALHO, 2000).

De acordo com Balderramas (2000, p. 7),

o turismo rural é conhecido como atividade turística que ocorre na zona rural, integrando a atividade agrícola pecuária à atividade turística, surge como alternativa para proprietários rurais na atual crise financeira fundiária, atrelada a falta de incentivos ao homem do campo.

Para Brambatti (2002, p. 8), “no sentido econômico, o turismo rural oferece uma alternativa de geração de trabalho e renda”. Beni (2002, p. 428) aponta para um panorama internacional e nacionalmente positivo, no qual

[...] experiências já consolidadas em vários países, e também no Brasil, consubstanciadas no desenvolvimento de uma oferta de serviços de lazer e hospedagem em propriedades rurais produtivas, mediante a introdução do turismo rural como alternativa de aumento da renda, de agregação de valor à terra e de meio de fixação de trabalhadores rurais no campo.

Molina (1997, p.30) acrescenta ao conceito de turismo os elementos imateriais. Para o autor, “[...] *el turismo contribuye al rescate y la conservación de usos y costumbres locales, de manifestaciones folclóricas y artesanales*”. Os bens imateriais, por seu nível de



subjetividade/ singularidade, são considerados pelos turistas no momento da escolha do destino. Ao abrir a porteira da propriedade, o agricultor passa por um processo de troca cultural. Essa integração é percebida por ele e reforça o pertencimento ao local em que vive.

O cotidiano das famílias rurais depende, então, não apenas do dinamismo do setor agrícola, mas da capacidade de atrair outras atividades econômicas. O conhecimento local é, dessa forma, um dos principais recursos utilizados na formatação do produto turístico rural. Para Caporal e Costabeber (2001, p. 46) “é preciso reconhecer que entre os agricultores e suas famílias existe um saber, um conjunto de conhecimentos que, embora não sendo de natureza científica, é tão importante quanto os nossos saberes” (CAPORAL e COSTABEBER, 2001, p. 46).

Por um lado, o turismo “[...] gera emprego e proporciona rendas e, em determinadas ocasiões, pode ser o setor propulsor da economia” (BENI, 2002, p.72). Por outro, o campo de análise do turismo vai além do enfoque econômico, chegando à satisfação das pessoas envolvidas com o produto turístico, tanto de quem o produz, quanto de quem o consome (BENI, 2002, p.71).

Assim, participar de um roteiro de turismo rural pode ser considerado como uma alternativa de diversificação de atividades dentro da pequena propriedade rural. O que pode acarretar em complemento da renda e possibilitar melhorias em termos de bem-estar dos agricultores familiares. E conseqüentemente à permanência dessas famílias no meio rural.

O turismo rural na região do Vale do Taquari

A região é composta por uma diversidade histórica e cultural decorrente da presença indígena e da colonização europeia a partir da chegada, no século XIX, de grupos lusos, ítalos e teutos. O mosaico identitário que a forma sofre forte influência da economia baseada na produção familiar, decorrente do processo de colonização nessa porção centro-oriental do Estado do Rio Grande do Sul.

A região conserva, ainda, fortes traços da influência da imigração europeia na arquitetura, língua, culinária, usos e costumes, advindos do processo de ocupação do território. O vale está geograficamente localizado entre a encosta do planalto meridional e a depressão central. Por isso, no Vale do Taquari as povoações se instalaram nas encostas dos morros, como também, para se proteger das enchentes e, depois, nas saídas dos vales secundários.



Importa apontar que apresenta uma economia baseada na atividade primária de cunho familiar, bem como elevado desenvolvimento industrial e comercial, muito devido à sua colonização (SCHIERHOLT, 2000). O autor chama a atenção para a evolução e intensificação das migrações internas, ou seja, o êxodo rural entre os anos de 1955 e 1975, que causou, por um lado, prejuízo na produção e, por outro, a implantação de novas escolas e cursos universitários.

É oportuno acrescentar que a atividade turística nessa região tem características peculiares, ligadas à agricultura familiar. Seus descendentes preservam os traços culturais que se refletem nos costumes, na arquitetura, na gastronomia e no artesanato. Nesse contexto, criou-se um patrimônio imaterial, que reforça o potencial turístico, uma vez que a região também é geograficamente peculiar, ou seja, recortada por vales e rios.

A atividade turística é um fenômeno recente no meio rural dessa região do Vale do Taquari, iniciado há, aproximadamente, 15 anos conforme podemos observar no quadro 1. Com aderência principalmente dos pequenos agricultores familiares, os quais não têm conseguido sustentar suas famílias apenas com a renda obtida com as atividades agrícolas.

Identificamos três roteiros de turismo rural no Vale do Taquari, os quais estão listados no quadro 1, bem como os municípios que abrangem. Considerando que a pesquisa abrange 37 municípios, percebemos, nesse quadro, que os roteiros movimentam 15 municípios, ou seja, 41% dos municípios.

Quadro 1 – Roteiros de Turismo Rural no Vale do Taquari – RS

	Roteiros	Abrangência	Lançamento	Atrativos
Vale do Taquari	Roteiro Delícias da Colônia	Estrela, Colinas e Imigrante	2002	6
	Rota Germânica de Teutônia e Westfália	Teutônia e Westfália	2001	15
	Rota Erva Mate	Anta Gorda, Arvorezinha, Coqueiro Baixo, Doutor Ricardo, Encantado, Ilópolis, Itapuca, Nova Bréscia, Putinga e Relvado.	2010	59

Fonte: SETUR, AMTURVALES 2015, adaptado por ZANCHI, 2015.

Cabe destacar que a atual Rota Germânica de Teutônia e Westfália iniciou em 2001 no município de Teutônia e, posteriormente, incorporou o município de Westfália. A Rota da Erva Mate, mesmo tendo menos de cinco anos, já incorporou dois municípios desde seu lançamento. Os três roteiros juntos disponibilizam aos turistas 80 atrativos, distribuídos pelos 15 municípios.

O Roteiro Delícias da Colônia propõe passeios pela área agrícola, pontos históricos, gastronômicos e artesanais, como por exemplo, o alambique Berwanger, onde é oportunizado ao visitante acompanhar o processo da destilação da cachaça. É oportuno salientar que participa do roteiro o maior cactário da América Latina. Já as rotas Germânica de Teutônia e Westfália iniciaram com a fundação da Associação da Rota Germânica de Teutônia, em 2001. Foi a primeira rota turística do Vale do Taquari, com o objetivo de proporcionar ao turista um mergulho na cultura alemã.

A Rota da Erva Mate tem como objetivo valorizar os patrimônios culturais e artesanais de dez municípios da região alta do Vale do Taquari. A principal temática é a erva-mate, que possui elevada importância econômica para a região. Nessa rota, o turista encontra atrativos ligados à herança da cultura italiana, representada pela gastronomia, arquitetura e elementos religiosos.

Ao analisarmos a trajetória dos roteiros percebemos que sua implementação na região tem sido um processo lento e que os resultados têm demorado a aparecer.

Os entrevistados consideram positivas as mudanças advindas da implementação da atividade turística em suas propriedades. Dentre as mudanças que mais apareceram, estão o contato com outras pessoas, as mudanças na estrutura interna dos empreendimentos e o aumento da renda.

Dentre as melhorias percebidas pelas famílias, as mais citadas foram: “uniu a família”, “melhorou a autoestima” e “os turistas motivam”. Percebemos que o turismo rural, além de gerar renda, também parece empoderar a família rural e influenciar o comportamento.

Diante do exposto, verificamos que os empreendedores percebem seu desenvolvimento social, mais do que seu crescimento econômico. A atividade turística no meio rural pode ser considerada uma forma viável de enfrentamento das adversidades econômicas e sociais vividas nas localidades rurais. O que corrobora com a abordagem acima, que trata da temática do turismo rural como estratégia de desenvolvimento regional.

A pesquisa conseguiu mensurar a fonte de renda de 100% dos empreendimentos entrevistados. Constatamos que 100% deles mantêm uma ou mais atividades, além do turismo, para compor a renda total. Entretanto, três entrevistados afirmam que o turismo não lhes traz nenhuma renda. Prosseguindo, 79% dos entrevistados apontam que o turismo é rentável. Entendemos que, apesar das dificuldades enfrentadas, os empreendedores acreditam no potencial de geração de renda dos roteiros de turismo rural. Também que há

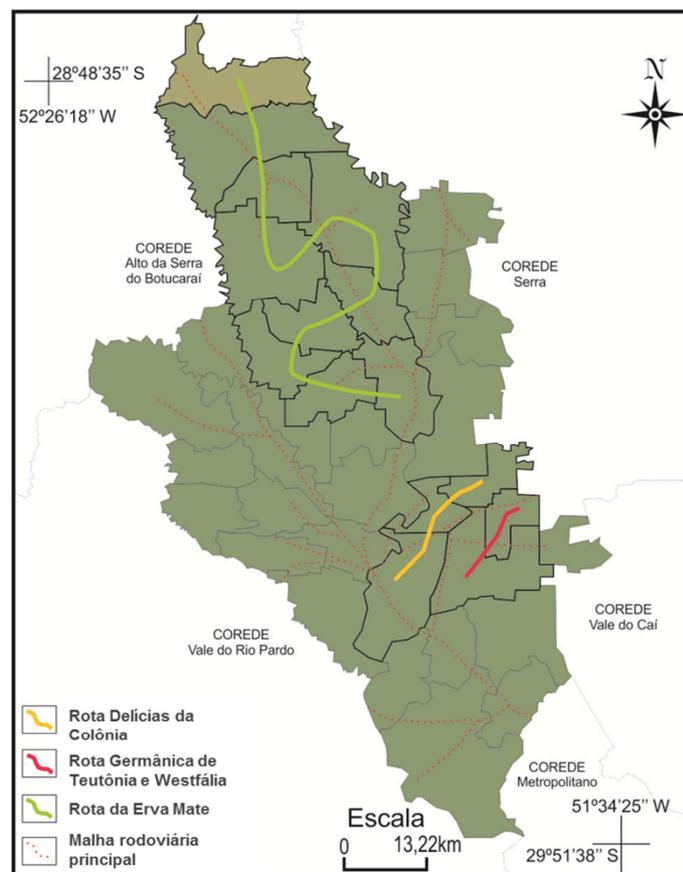


grande disparidade na renda advinda do turismo, pois entre os empreendedores a mesma varia de 0 a 80% na composição total.

Outra discussão relevante se refere à falta de investimento público, considerado o maior obstáculo para o desenvolvimento do turismo na região, e que dele derivam outros entraves. Sendo que os principais entraves, na visão dos empreendedores são: a) pouca divulgação; b) a falta de infraestrutura; c) a falta de valorização da comunidade local; d) a falta de sinalização.

De acordo com a classificação utilizada por Beni (2002), identificamos nos roteiros analisados: atrativos naturais, históricos, culturais, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados.

Mapa 1 – COREDE Vale do Taquari e ilustração das Rotas analisadas na região



Fonte: Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã, adaptado por OLIVEIRA E ZANCHI, 2012.

O processo de ordenamento dos roteiros no território está identificado no mapa 1, COREDE do Vale do Taquari, no qual também estão identificados os municípios de abrangência dos três roteiros de turismo rural analisados nesta pesquisa. Ainda neste o mapa, a proximidade de dois roteiros, e um terceiro um pouco mais afastado. De maneira geral, entretanto, pode-se afirmar que a proximidade dos roteiros possibilita ao turista percorrer mais de um no mesmo final de semana, uma vez que alguns podem ser visitados em um dia.

Outro fator relevante evidenciado no mapa 1, diz respeito à malha rodoviária principal, que corta o vale de norte a sul, e de leste a oeste. O que demonstra a facilidade de acesso permitindo ao turista visitar um ou mais atrativos durante um deslocamento usual do dia a dia ou de final de semana, durante uma visita a familiares ou amigos, ou com outra motivação.

Considerações finais

Os agricultores familiares do Vale do Taquari têm encontrado na atividade turística uma alternativa de renda a fim de permanecer no campo. Entretanto, contradições permeiam seus cotidianos, dado que ainda carecem de planejamento e, acima de tudo, formas de organização social que sejam capazes de empoderar estes agricultores. Destacamos também que os entrevistados revelam o turismo além do incremento da renda: para eles a atividade turística traz oportunidades de trocas culturais e sociais advindas do contato com os turistas.

Entendemos que os roteiros são influenciados, diretamente, pelo perfil político das prefeituras, que varia de acordo com cada gestor público, pois contam com verbas públicas voltadas a melhorias na infraestrutura de acesso aos empreendimentos, para divulgação, sinalização, por exemplo.

Consideramos que as características culturais e históricas, que se refletem nos usos e costumes, na arquitetura, na gastronomia e no artesanato, ou seja, os bens imateriais preservados pelos descendentes, bem como a peculiaridade geográfica que compõem o turismo rural da região, o colocam no rol de atividades com potencial de promover o desenvolvimento regional.

Entretanto, cabe aqui salientar as limitações de um trabalho que tem como base os discursos dos atores sociais, sendo que estes apresentam aos pesquisadores, muitas

vezes, um discurso de “verdade” de um grupo. Mesmo não sendo objeto direto do trabalho o discurso como unidade de análise, importa dizer que os discursos são a reverberação de uma verdade, de algo que se deseja verdadeiro, mas há algo maior, uma formação ideológica que o sustenta, seguindo as contribuições de Michel Foucault (1971). As falas, inclusive as nossas falas, compõem sempre uma ideologia, um discurso repetido, algo que não é novo sobre o mundo. Falar em turismo rural, no caso desta região, se refere a uma tentativa de entender um espaço em formação, um processo que envolve discussões políticas, econômicas e sociais. O formato dialógico, participativo, não faz parte da construção contemporânea, já que ‘põe em cheque’ um sistema vigente pautado, muitas vezes, em acomodação. Portanto, como ser participativos, apreciar algo que se encontra, ainda, longe das nossas “verdades” e imerso nas contradições de falas que almejam mudança, mas, ainda, pautadas em poucas ações coletivas.

Sendo assim, o turismo rural é aqui entendido como possibilidade e discurso de estratégia de desenvolvimento regional. A justificativa é o fortalecimento da região, a partir de um discurso econômico que se atualiza na e pela sociedade.

Sobre as dificuldades enfrentadas, em primeiro lugar, os entrevistados salientam o pouco investimento público, principalmente em relação à infraestrutura. No entanto, há outro que se destaca: as relações frágeis estabelecidas entre Estado e os sujeitos. Esta condição se evidencia nas falas que revelam a falta de apoio e de valorização das áreas rurais. Eis que percebemos relações não pautadas em confiança, mas em expectativas frustradas. Ao mesmo tempo é preciso lembrar que uma relação é construída por todos, o Estado é a sociedade e não uma entidade independente.

Percebemos, ainda, que o turismo tem contribuído para a manutenção das estruturas locais – tradições, costumes, artesanato, bem como a preservação e a valorização do meio rural. Uma vez que o poder público destina verbas para restaurações, além dos próprios empreendedores preservarem suas propriedades, moradias, métodos de produção de seus antepassados, entre outros. O turismo rural, para alguns, tornou-se o meio de se manter no meio rural após a aposentadoria. Nesse contexto, o turismo tem se desenvolvido no território como fonte de renda e de tentativas de reorganização social.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. Sustentabilidade e articulação territorial do desenvolvimento brasileiro. In: **II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul, RS, 2008.
- ALVES, Heberton F. I. Turismo, identidade e valorização da produção local. In: **Anais do III Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/>> Acesso em: ago. 2011.
- BALDERRAMAS, Helerson de Almeida. Apresentação. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. (Org.). Bauru – SP, EDUSC, 2000.
- BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- _____. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOISIER, Sergio. Teorías y metéforas sobre desarrollo territorial. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, Valdivia – Chile, n. 2, p. 5-18, mar./ago. 1998.
- _____. Em busca do esquivo Desenvolvimento Regional: entre a caixa-preta e o projeto político. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 13 (1996). Disponível em: <<http://189.21.130.9/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/135/137>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- BRAMBATTI, LUIZ E. Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico. In: BRAMBATTI, LUIZ E. (org.) **Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico**. Porto Alegre, EST Edições, 2002.
- BRANDÃO, C. A. Teorias, estratégias e políticas regionais e urbanas recentes: anotações para uma agenda de desenvolvimento territorializado. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 107, p. 57-76, jul./dez. 2004.
- CAPORAL, F. R. e COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In: ETGES, Virginia E. **Desenvolvimento rural: Potencialidades em questão**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2001.
- COOPER, Chris, et al. Tradução: Roberto Cataldo Costa. **Turismo: princípios e práticas**. 2.ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

ETGES, Virginia E. A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, O. P. e SILVEIRA, R. L. L. (Org). **Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

_____. Desenvolvimento regional sustentável: o território como paradigma. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v.10, n.3, p. 47-55. set./dez. 2005.

FEE – Fundação de Economia e Estatística. **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Economia. Agricultura. Milho. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

FELIPPI, Angela. **Processos de construção de identidades regionais**. Notas de Aula, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, UNISC, RS, 3º trimestre, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1971.

MOLINA, Sergio. **Turismo: metodologia para su planificación**. México: Trilhas, Universidad Anáhuac, 1997.

MÜLLER, Ademir. Lazer, desenvolvimento regional: como pode nascer e se desenvolver uma ideia. In: MÜLLER, Ademir.; COSTA, Lamartine P. da. (Orgs). **Lazer e desenvolvimento regional**. EDUNISC, 2002.

Plano de Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Sul 2012 – 2015 / FGV Projetos – Rio de Janeiro: FGV Projetos, 2012.

SANTOS, Milton. O Papel ativo da Geografia – um manifesto. In: **XXI Encontro Nacional de Geógrafos**. Florianópolis – Julho de 2000. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_7_santos.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2011.

_____. **A natureza do espaço** – técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHIERHOLT, José Alfredo. A imigração italiana no Vale do Taquari. In: **Anais do I e II Simpósios “Raízes do Vale” 1997 – 1998**. O resgate de raízes históricas e culturais dos municípios do Vale do Taquari, 2000, Lajeado.

SCHNEIDER, Sergio. **A dinâmica das atividades não agrícolas no novo rural brasileiro: elementos teóricos para a análise da pluriatividade em situações de agricultura familiar**. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/congrsem/iisemina/sergio.htm>>. Acesso em: 01 out. 2011.

_____. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. 205p.



SCHNEIDER, Sergio e FIALHO, Marco A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru – SP, EDUSC, 2000.

SEPLAG. **Secretaria do Planejamento, Gestão e Participação Cidadã**. Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br>>. Acesso em: Junho de 2010.

SETUR. **Turismo Rural/Rotas e Roteiros**. Disponível em: <<http://www.turismo.rs.gov.br>>. Acesso em: Junho de 2010.

SILVA, José Graziano da. **Tecnologia & agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

SILVA J. Graziano da e CAMPANHOLA, C. **O Novo Rural Brasileiro: Uma Análise Nacional e Regional**. Campinas, EMBRAPA/UNICAMP. (4 volumes), 2000.

ZANCHI, Verenice. **Roteiros de turismo rural na região dos Vales do Rio Pardo e Taquari – RS**. 2013. 134 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.